

EXPLORAÇÃO DO CÂNION GRANDE DA BAIANA

DANIEL DE MATTOS VIANA

GRUPO BAMBUÍ DE PESQUISAS ESPELEOLÓGICAS



Chegada a Expedição e a Escolha da Caverna (ou será que a Caverna me escolheu?)

Na minha chegada à "Vila" de Descoberto era grande a expectativa para tomar parte de mais uma expedição franco-brasileira, especialmente porque chegava com a expedição já em andamento. Depois de um dia e meio de viagem, chegamos pela manhã à escola que servia de alojamento para a expedição. Assim que estacionamos o carro, descarregamos os equipamentos e logo estávamos nos preparando para um dia de "trabalho". Era grande a curiosidade em saber o que estava se passando, o que havia sido descoberto, quais eram os locais mais promissores, quais eram as "roubadas". Procuramos essas informações com o pessoal que já estava lá há mais tempo. Na divisão das equipes havia várias opções: Baiana a montante, Baiana a jusante, Baianinha, prospecção e um tal de "Cânion Grande". Esta opção soou-me bastante interessante, pois quem gosta da espeleologia vertical não perde uma oportunidade de explorar um bom abismo. Quando o Ezio chegou falando que não tinha nenhum brasileiro na equipe e me pediu para entrar nela, juntou-se a fome com a vontade de comer. Imediatamente peguei meu equipamento e corri para a kombi, que já estava saindo, sem tempo para maiores delongas.

O Primeiro dia de exploração começou com a equipagem do abismo principal, que se tratava de um lindo cânion com cerca de 60 metros de altura. Outra equipe nos acompanhou até este ponto e, após a descida, topografamos e exploramos a caverna a jusante, enquanto a outra foi a montante. Um trabalho bastante agradável, pois é uma caverna de boas proporções e bastante bonita (como de costume, por estas bandas da Bahia). A parte esportiva não se resumiu ao abismo da entrada, pois logo surgiram alguns lances de escalada e lagos para serem transpostos. Como as cavernas nesta região não costumam ter muitos lances verticais, não dispúnhamos de muitos *spits* ou cordas. Logo ficamos com pouco equipamento disponível e começamos a improvisar.

A Técnica da Chave Treze e outras técnicas Medievais

Deparamo-nos com um obstáculo que nos desafiou a superá-lo, com os recursos escassos de que dispúnhamos. Era um grande travertino com aproximadamente 10 metros de altura, o qual deveríamos atravessar. Tínhamos apenas 3 *spits*, uma furadeira com bastante bateria, muita criatividade e um bom caminho pela frente. Teríamos que descer, atravessar alguns metros e subir do outro lado. Para economizar uns *spits*

para equipar a descida, foi feito um furo na borda de uma concreção que parecia bem sólida. Por este furo passou-se uma pequena fita tubular, que foi travada na parte de trás da borda pela chave treze, que tinha ainda a função de distribuir o peso ao longo de sua extensão. Apesar de não constar em nenhum manual, muito menos no treinamento da EFS (Escola Francesa de Espeleologia), foi a alternativa encontrada para dar continuidade à exploração. Vale ressaltar que não faltou uma ancoragem secundária extremamente confiável, mas que não estava na beira da descida. Depois de muita discussão sobre esta técnica e se deveríamos utilizá-la, um voluntário (talvez o melhor termo seja corajoso, ou louco) desceu primeiro e atestou que a ancoragem estava "firme". Os espeleólogos que o sucederam o fizeram com bastante cautela, descendo devagar e evitando trancos na corda. Uma vez lá em baixo deparamo-nos com um novo problema: os *spits* que havíamos economizado com grande custo não tinham serventia para a escalada do outro lado do travertino. As paredes eram tomadas por espeleotemas e lama, sendo impossível fixar um *spit*. Não encontramos nenhum lugar para fixar uma ancoragem para dar segurança à subida, e mesmo a parede externa do travertino não era muito confiável para uma

escalada, pois estava bastante deteriorada, soltando placas de espeleotema e lama com certa facilidade. Estávamos sem opção novamente. Após algumas tentativas frustradas de fixar *spits* ou escalar na parte do pequeno lago que se formava na metade direita do conduto, onde uma eventual queda seria menos dolorosa, eis que surge uma idéia que acredito ter suas origens na Europa Medieval. Como tínhamos corda e um martelo para bater *spits*, amarramos uma corda no martelo, prendendo de forma firme e ainda travando um mosquetão em seu olhal superior, garantindo que a corda não se soltaria. Com este novo "equipamento", começamos a revezar as tentativas de travar o martelo em alguma coisa lá em cima. Vários lançamentos foram necessários até que finalmente o martelo ficou travado entre uns blocos bastante grandes. A corda ficou sobre o lago e logo o Olivier se voluntariou para subir por ela. Sua subida foi cercada de expectativa, pois apesar de que uma eventual queda fosse amortecida pela água, ainda assim havia alguns riscos. Tinha ainda a expectativa de sucesso da empreitada e da continuação da caverna. Após alguns testes para assegurar que o martelo estava bem preso, o Olivier subiu com bastante cuidado pela corda. Chegando lá em cima, e depois de ver que a caverna continuava, o martelo foi substituído por uma fita tubular e os outros membros da equipe subiram. Exploramos ainda mais alguns metros, mas logo nos deparamos com um novo abismo. Desta vez não tínhamos mais cordas e tivemos que deixar para o próximo dia. Na volta tínhamos ainda a "chave treze" pela frente e a subida deste trecho foi feita novamente com o maior cuidado para evitar trancos na ancoragem.

A notícia na escola e a expectativa para o dia seguinte

Era bastante óbvio que a caverna continuava. Sua exploração só havia sido interrompida pela absoluta falta de equipamentos. A direção que ela seguia indicava que se dirigia à Baiana, sendo grandes as chances de uma conexão. A notícia foi muito bem recebida e houve grande interesse pela participação na continuação das explorações.

O segundo dia de exploração, a conexão e a travessia

A equipe de exploração do segundo dia foi quase completamente diferente da primeira, apenas eu iria voltar ao local. A representatividade brasileira foi ainda reforçada pelo Bobina (Leandro Pires) e pelo Frango D'água (Poule D'eau). A primeira providência ao chegar ao ponto onde paramos no primeiro dia foi substituir a chave treze. Após transpormos o grande travertino, retomamos a topografia e chegamos ao ponto onde havíamos interrompido as explorações no dia anterior. O abismo foi equipado e, antes mesmo de o primeiro espeleólogo terminar a descida, vimos pegadas no piso de lama abaixo. Uma grande comemoração foi realizada ali mesmo, com a certeza de que

tínhamos alcançado a Baiana. Depois de conectar a topografia, saímos pela Baiana a fim de completar a travessia, que seria um dos atrativos da expedição posteriormente. Foi bastante agradável esta travessia, especialmente com a sensação do dever cumprido.

Notas sobre as técnicas apresentadas

As técnicas descritas neste artigo não são recomendadas para uso regular em explorações espeleológicas. "Atenção - não tentem fazer isto em casa sozinhos". Apesar de terem sido utilizadas com sucesso e de terem sido aqui descritas, este tipo de improvisação deve sempre levar em conta os riscos envolvidos e de que forma se comportarão os equipamentos e materiais, bem como as medidas de segurança, caso falhe aquilo que foi improvisado. Apesar disso, sabemos ser bastante difícil parar uma exploração promissora, o que contribui para a utilização de improvisos. O mais importante é usar o bom senso e saber a hora de parar para voltar em uma próxima vez com os equipamentos adequados. A correta utilização das técnicas verticais contribui para evitar acidentes em explorações de cavernas. 



Exploration du Canyon Grande da Baiana

Daniel de Mattos Viana
Grupo Bambuí de
Pesquisas Espeleológicas

L'arrivée de l'expédition et le choix de la caverne (ou bien devrais-je plutôt dire que c'est la caverne qui m'a choisi).

A mon arrivée à la "vila" de Descoberto, j'étais très excité à l'idée de participer une nouvelle fois à une expédition franco-brésilienne. Et aussi surtout parce que j'allais me joindre à elle alors qu'elle avait déjà débuté. Après un jour et demi de voyage, nous sommes arrivés à destination dans la matinée et nous avons gagné l'école dans laquelle le groupe était logé. Nous avons tout de suite déchargé les équipements avant de nous préparer pour une journée de "travail". Notre curiosité était grande de savoir ce qui se passait, ce qui avait déjà été découvert, quels étaient les lieux les plus prometteurs, et quelles étaient les "roubadas". Nous avons cherché à obtenir ces informations auprès des membres du groupe qui étaient déjà sur place avant nous. L'éventail des possibilités offrait le choix entre l'amont ou l'aval de Baiana, Baianinha, la prospection et un certain "Canyon Grande". Ce dernier eut l'heur de me plaire car pour qui apprécie la spéléologie verticale, il n'est pas question de perdre l'opportunité d'explorer un bon gouffre. Aussi quand Ezio vint me dire que pas un Brésilien ne faisait encore partie de cette équipe et me demanda de l'intégrer, je ne me suis pas fait prier. Sans plus attendre, je me suis chargé de mon équipement, sans avoir le temps de tergiverser, et j'ai couru jusqu'au combi qui partait déjà.

Le premier jour de l'exploration

Le premier jour de l'exploration s'engagea par l'équipement du gouffre principal qui se trouvait dans un beau canyon de près de "60 mètres" de hauteur. Une équipe fit route avec nous jusque là et après la descente, nous avons topographié et exploré la caverne en aval, alors que l'autre groupe s'était quant à

lui engagé en amont. Le travail était assez plaisant car cette caverne possédait de belles dimensions et était assez jolie (ce qui est fréquent dans cette région de Bahia). La séquence sportive ne se résumait pas à l'abîme d'entrée puisque quelques passages à escalader et des étangs à franchir ne tardèrent pas à apparaître. Comme les cavernes de cette région n'ont pas l'habitude de présenter beaucoup de parties verticales, nous n'avions que peu de spits et de cordes avec nous. Très vite, notre matériel s'avéra insuffisant et nous avons dû improviser.

La technique de la clé de treize et autres techniques moyen-âgeuses

Nous nous sommes retrouvés devant un obstacle qui nous donna à penser que nous pouvions en venir à bout avec les maigres recours dont nous disposions: un gourds imposant d'environ 10 mètres de haut qu'il s'agissait de franchir. Nous n'avions que trois spits, une perceuse bien chargée, beaucoup de suite dans les idées et une bonne route devant nous. Nous devrions descendre, traverser sur quelques mètres et remonter de l'autre côté. Afin d'économiser quelques spits pour équiper la descente, à l'aide de la perceuse nous avons fait un trou sur le bord d'une concrétion qui semblait bien solide. Par ce trou, nous avons passé un petit ruban tubulaire qui a été bloqué dans la partie arrière du bord par une clé de treize qui avait également pour fonction de répartir le poids le long de son extension. Bien que cette technique ne soit expliquée dans aucun manuel, et qu'elle ne soit encore moins enseignée lors des entraînements de la EFS (Ecole Française de Spéléologie), c'est la seule que nous ayons trouvée et qui rendait possible la poursuite de notre exploration. Il convient d'ajouter qu'un ancrage secondaire extrêmement fiable ne nous faisait pas défaut, mais que celui-ci ne se trouvait pas au bord de la descente. Après moult palabres pour savoir si cette technique devait être utilisée ou non, un volontaire (peut-être que le terme le plus adéquat devrait être courageux ou fou) descendit le premier et prouva que l'ancrage tenait "bon". Les spéléologues qui lui succédèrent le firent avec plus de prudence, en descendant lentement et en

évitant les soubresauts le long de la corde. Une fois rendus en bas, un nouveau problème se posa. Les spits que nous avions eu du mal à mettre de côté n'étaient d'aucune utilité pour escalader l'autre versant du gourds. Les parois étaient recouvertes de spéléothèmes et de boue et il s'avérait difficile d'y fixer un spit. Nous n'avons trouvé aucun point d'ancrage pour sécuriser la montée et la partie externe du gourds n'était pas, elle non plus, très propice à une escalade puisqu'elle était déjà assez détériorée et que des plaques de spéléothèmes et de boue s'en détachaient avec une certaine facilité. Une fois encore, nous n'avions plus le choix. Après quelques tentatives infructueuses pour planter des spits et pour monter par la partie occupée par le petit étang à droite du conduit, là où une chute éventuelle risquait de se révéler moins douloureuse, ne voilà-t-il pas qu'une idée, venue je le crois du fin fond du Moyen Age, surgit soudain. Comme nous avions une corde et un marteau pour enfoncer les spits, nous avons attaché une corde au marteau en la serrant bien fort et en y bloquant un mousqueton dans son arceau supérieur, ce qui nous garantit que la corde ne pourrait pas s'en détacher. A l'aide de ce "nouvel équipement", nous nous sommes mis à nous relayer pour tenter d'accrocher le marteau à quelque chose, là en haut. Après plusieurs tentatives, le marteau réussit enfin à se caler entre des blocs assez imposants. La corde était suspendue au dessus de l'étang et c'est Olivier qui se porta tout de suite volontaire pour y grimper. Alors qu'il se préparait à entreprendre sa montée, nous avons tous retenu notre souffle. Car en effet, en cas de chute, même si celle-ci pouvait être amortie par l'eau de l'étang, le danger n'en était pas pour autant complètement écarté. A cela se mêlait l'espérance du succès de cette tentative et de découvrir une suite à la caverne. Après s'être assuré que le marteau tenait bon, Olivier commença son ascension en faisant très attention à la corde. En arrivant au sommet, et après avoir remarqué que la caverne continuait, il a troqué le marteau contre un ruban tubulaire pour permettre aux autres de grimper à leur tour. Nous avons encore

exploré quelques mètres, mais nous sommes ensuite très vite tombés sur un autre gouffre. Cette fois-ci, nous n'avions plus de cordes et nous avons dû nous résoudre à remettre cette exploration à un autre jour. Sur le chemin du retour, nous devions repasser par la "clé de treize" et l'escalade de cette partie fut faite une fois encore avec le plus grand soin afin d'éviter tout soubresaut.

La nouvelle à l'école et l'attente pleine d'espoir du lendemain.

Il ne faisait presque aucun doute que la caverne se poursuivait. L'exploration n'avait pris fin que par manque de matériel. Selon toute probabilité, la cavité se prolongeait vers la Baiana et avait de grandes chances de réaliser une jonction avec cette dernière. L'information fut très bien accueillie et c'est avec un grand intérêt que beaucoup voulurent participer à la suite de ces explorations.

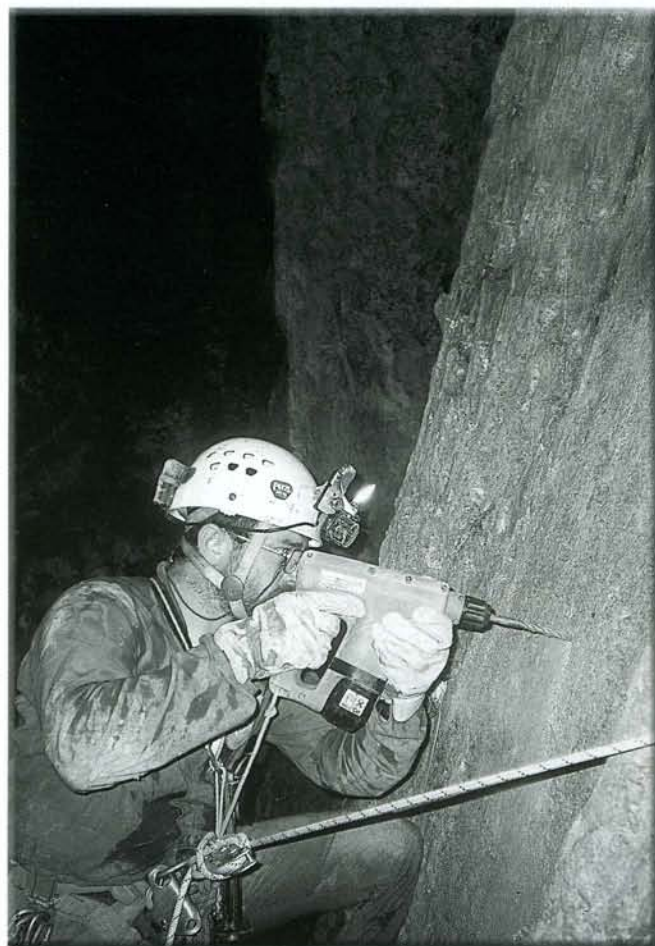
Le deuxième jour d'exploration, la jonction et la traversée

L'équipe du lendemain fut presque entièrement remaniée. J'étais le seul de

la veille à y participer. La représentativité brésilienne fut même renforcée grâce à la présence parmi nous des deux Leandro, de "Bobina" et de "Frango d'Agua" (poule d'eau). La première décision qui fut prise en arrivant à l'endroit où nous nous étions arrêtés la veille consista à remplacer la "clé de treize". Après avoir franchi le grand gours, nous avons repris la topo et nous sommes arrivés au point où nous avions interrompu notre progression la veille. L'abîme fut équipé et avant même que le premier spéléo n'eût achevé sa descente, nous avons aperçu des traces de pas sur le sol boueux d'en bas. Nous avons célébré comme il se devait cette découverte en étant sûrs d'avoir réalisé la jonction avec Baiana. Après avoir relié les derniers points topo, nous sommes ressortis par la Baiana pour que la traversée fût complète. Et les jours qui viendraient n'en rendraient l'expédition que plus intéressante. Pour le moment, nous jouissions pleinement de cette promenade en ressentant fortement le sens du devoir accompli.

Notes au sujet des techniques présentées

Les techniques décrites dans cet article ne sont pas à recommander lors de la plupart des explorations spéléologiques. "Attention ! N'essayez en aucun cas de les employer seuls !". Malgré leur utilisation satisfaisante et leur description, ce genre d'improvisation se doit de toujours calculer les risques encourus et de bien évaluer la résistance des équipements et du matériel, ainsi que les mesures de sécurité à respecter en toutes circonstances. Malgré tout, nous savons bien qu'il est difficile de renoncer à une exploration qui s'annonce prometteuse, ce qui justifie le recours à ces improvisations. Le plus important est de toujours garder la tête sur les épaules et de savoir à quel moment il est préférable de rebrousser chemin et de revenir ensuite avec les équipements adéquats. L'utilisation conforme à la norme des techniques verticales contribue à éviter des accidents pendant les explorations de cavernes. 



Entrada superior da Gruta da Baiana (pág. 181).
Equipando o abismo para exploração do
Cânion Grande da Baiana (abaixo).
Foto: Jean François Perret e Daniel Viana

